

DO CINEMA EDUCATIVO À PEDAGOGIA DA CRIAÇÃO: POTÊNCIAS NA INTERSEÇÃO CINEMA E EDUCAÇÃO EM CENÁRIO DE CULTURA DIGITAL

From Educational Cinema to Pedagogy of Creation: powers in the intersection Cinema and Education in a Digital Culture scenario

Luciana Domingues Ramos¹

Cíntia Inês Boll²

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar considerações relacionadas ao campo da Educação Audiovisual, seus desafios e possibilidades na Educação, sobretudo em relação ao Cinema. O recorte desta produção recupera o histórico do debate acerca das relações mídia-Educação, na perspectiva da Educação Audiovisual, por meio de uma revisão bibliográfica e de documentos publicados pela UNESCO. Expansões e tensionamentos são provocados pelo apontamento de contribuições de autores como Bergala, Canevacci e Hui, considerando as potencialidades da interseção Cinema e Educação, em cenário de Cultura Digital. O estudo conclui que a Educação Audiovisual – em especial do Cinema na perspectiva de uma pedagogia da criação – no contexto amplificado e convergente da Cultura Digital pode ser considerada um elemento mobilizador de propostas participativas de criação e sensibilização do olhar, ressignificando as relações com a arte, a informação e o conhecimento, viabilizando e mobilizando as potências do sensível.

Palavras-chave: Cinema e Educação. Cultura Digital. Pedagogia da criação

Abstract: This paper aims to present considerations related to the field of Audio-visual Education, its challenges and possibilities in Education, above all in connection with the Cinema. The focus of this study brings back the history of the debate about media-education relations, in the perspective of Audio-visual Education, through a bibliographic review and documents published by UNESCO. Notes of contributions made by authors such as Bergala, Canevacci and Hui led to expansions and tensions, considering the powers of the intersection Cinema and Education, in a Digital Culture scenario. This study comes to the conclusion that Audio-visual Education – especially the Cinema in the perspective of a Pedagogy of creation – into the amplified and convergent context of Digital Culture may be considered an element that encourages participatory proposals of creation and awareness of the gaze, offering new meanings to the relations with art, information and knowledge, enabling and encouraging the powers of sensitivity.

Keywords: Cinema and Education. Digital Culture. Pedagogy of creation

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências (PPGECi) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Educação em Ciências (PPGECi - UFRGS).

² Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora permanente no Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq, LELIC - Laboratório de Estudos em Linguagem Interação Cognição/Criação, na linha de Pesquisa PROVIA: Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

1 Introdução

O potencial da Educação em tempos de Cultura Digital ultrapassa a aprendizagem do conteúdo formal, abrangendo uma formação múltipla, de cidadania digital, desenvolvimento de habilidades comunicacionais, ampliação dos tempos e espaços pedagógicos, produção de estilos discursivos e reconhecimento da multiplicidade de elementos que envolvem uma produção de conteúdo. Por meio dos diversos dispositivos existentes enuncia-se produção de sentido e estilos discursivos, reverberando aspectos éticos, estéticos e ideológicos. A proficiência em relação à tecnologia, as capacidades de conexão e interlocução, a utilização de recursos narrativos e o potencial artístico-criativo, entre outros elementos que convergem em uma única produção audiovisual escolar, suscitam reflexão.

No que tange à Educação Audiovisual, a reflexão acerca do processo relacional cinema-educação já não cabe na relação do Cinema como dispositivo instrumental de determinada ação pedagógica. O Cinema ultrapassa a perspectiva de atender às demandas de um conteúdo curricular. Na experiência do Cinema, o sujeito desvela sentidos provocados por esse encontro. As perspectivas e discussões acerca da relação entre Cinema e Educação carecem de um deslocamento do olhar para além da ampliação de repertório ou aporte da ação pedagógica, verificando o estímulo ao trabalho com audiovisual e os processos de criação inseridos nesse contexto, observando a intensidade da experiência, na construção do olhar e na magnitude dos processos de criação na potência do encontro com a arte.

Temos evidenciada nessa conjunção uma incompletude acerca da percepção dos elementos decorrentes do encontro entre Cinema e Educação. A proposta deste estudo se dá de maneira a observar as possibilidades na convergência entre Cinema e Educação, observando essa interseção na perspectiva da interação entre ambos, bem como suas ressonâncias.

Em cenário de Cultura Digital, para a escola – espaço fundamental de experiências de comunicação e criação – é possível pensar que o audiovisual transcenda a perspectiva de um recurso ilustrativo para a aprendizagem de conteúdos formais ou convencionais e estabeleça um espectro de possibilidades. Por isso, é importante investigar acerca dos processos comunicacionais, de produção de estilos discursivos e de constituição de enunciações ético-estéticas que se estabelecem. Na conjuntura da Cultura Digital, os saberes circulam em grandes áreas, cujos limites, fluidos, demandam à escola uma diversidade de formas de dialogar, mediar, compreender e instigar seus estudantes a construir aprendizagens e compartilhar suas ideias. Para Ramos e Boll (2019) o cenário é potente, acomoda múltiplas linguagens e descortina possibilidades nos processos educativos, para além da tecnologia como suporte, mas como oportunidade de produção e criação:

Muitas tecnologias podem atuar como suporte nesta missão, mas não somente para etapas de construção do conhecimento como a pesquisa na rede, a utilização de softwares/aplicativos de aprendizagens. A questão que aqui se levanta é a da produção, da potência criadora contribuindo com o ensino de ciências e a construção do conhecimento científico em um contexto de Cultura Digital. Ao considerar o uso da tecnologia no processo comunicacional do conhecimento científico escolar, a escola lança mão de infinitas possibilidades de tornar visível, publicizando as construções promovidas durante o processo de aprendizagem (RAMOS; BOLL, 2019, p. 09).

Esse cenário, que requisita espaços de constituição de usuários espectadores, autores, atores, produtores e comunicadores sensíveis, atuantes e éticos, legitima a discussão sobre a

potência do encontro entre Cinema e Educação. Lemos, Campos e Ramos (2018) apontam que uma das possibilidades que se apresentam é a produção audiovisual, sendo importante que se vá além da utilização da linguagem audiovisual como um recurso meramente ilustrativo:

É significativo, portanto, sistematizar e viabilizar a construção coletiva e colaborativa de uma proposta para a educação audiovisual, que assuma seu papel para a ação pedagógica desenvolvida entre professor, aluno e comunidade, com apoio da tecnologia. Esse processo amplia repertório de gêneros, estilos e narrativas que colocam o cinema como forma de conhecimento e experiência de mundo (LEMOS; CAMPOS; RAMOS, 2018, p. 01).

Para Fantin (2006), o Cinema é um difusor do patrimônio cultural da humanidade, revelador da realidade e constituído em múltiplas dimensões: cultural, cognitiva, estética, psicológica e social. Tendo a escola como espaço institucional relevante na constituição da experiência comunicativa, criativa e estética do estudante, em cenário de Cultura Digital, o estudo propõe o levantamento e a discussão de elementos atinentes aos processos presentes na convergência entre Cinema e Educação, verificando oportunidades viabilizadas pelo acesso, produção e criação decorrentes da potência deste encontro, que para Silvestrini e Silva garantem a valorização do ato criador:

Neste contexto práticas pedagógicas pautadas nos princípios estéticos, podem garantir a valorização do ato criador, ao garantir a participação em diversificadas experiências que permitam o estudante se expressar, comunicar e criar, organizar pensamentos e ideias, apropriar-se de diferentes linguagens e saberes que circulam em nossa sociedade (SILVESTRINI e SILVA, 2014, p. 245).

Leite e Christofolletti (2015) apontam a resistência de um viés de pouca amplitude, ainda instrumentalizador, na relação Arte e Educação que “reforçam modos e formas predefinidas, controladas, de ver e sentir, postos em nossa sociedade” (LEITE e CHRISTOFOLETTI, 2015, p. 43) o que, em relação ao Cinema, também preconiza “certa didatização do filme” (LEITE e CHRISTOFOLETTI, 2015, p. 43), que ele seja utilizado como recurso didático para a abordagem ou discussão de alguma temática de interesse por parte da escola.

A proposta desta produção é de ampliação desta perspectiva na interseção Cinema e Educação e se estabelece no campo das Ciências Sociais (GIL, 2008) para atender ao embasamento conceitual acerca desta questão, concretizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, que permite “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p. 50) e possibilitou a identificação dos autores e conceitos norteadores da temática discutida neste artigo. Inicialmente, um estudo explorou as publicações disponibilizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), observando e resgatando perspectivas e trajetórias da relação entre audiovisual e Educação, em contextos analógicos e digitais. A partir disso, a pesquisa aplicou-se a um estudo das publicações dedicadas à potência do encontro entre Cinema e Educação, pretendendo observar como se dão – nas compreensões acostadas às leituras – as percepções e contribuições dos autores sobre a valência nas relações entre Cinema e Educação, considerando sua amplitude enquanto – além de recurso pedagógico transmissor – linguagem, comunicação intercultural e potência artística do sensível.



2 Perspectivas e trajetórias: o Cinema e a escola entre contextos analógicos e digitais

Segundo Alegria (2010), o advento do cinematógrafo – em 1895 – ocorre em um panorama em que a imagem já se constitui prestigioso recurso pedagógico sendo discutido, verificado e aplicado como tal:

Com a popularização da imagem-técnica e dos novos processos de impressão e reprodução de fotografias e ilustrações, a sala de aula e o material didático empregado no ensino foram invadidos por figuras e por imagens, que passaram a ser reproduzidas com maior facilidade e a um custo menor. O cinematógrafo veio somar-se a essa tendência como uma promessa para tornar as lições mais interessantes dentro e fora da sala de aula (ALEGRIA, 2010, p.232).

Em cenário mundial, os anos 20 foram de esforço para a implementação do Cinema voltado à Educação, discutindo sobretudo acerca do impacto comportamental e moral das produções:

Em vários países, observa-se a organização de um serviço oficial de censura cinematográfica. São relatados os primeiros estudos de metodologia do uso do cinema em sala de aula e realizadas as primeiras pesquisas acadêmicas sobre o efeito do filme na instrução e na formação do caráter das crianças, adolescentes e adultos (ALEGRIA, 2010, p. 239).

No Brasil dos anos 20, o Cinema Educativo despontava como relevante recurso pedagógico instrucional, sendo discutido enquanto elemento de Educação moral em que o debate pautava sobre quais seriam as produções mais adequadas ou mais educativas (ALEGRIA, 2010, p. 235). Para os educadores da época o Cinema Educativo contribuiria com a escola de modo a normatizar e divulgar preceitos morais e higienistas e encarava a questão da infância à mercê das implicações dos conteúdos audiovisuais. Ou seja, o audiovisual era percebido como aliado, mas visto com certa preocupação por conta das influências morais e comportamentais que poderia exercer. Segundo Alegria (2010), inclusive a Igreja Católica se coloca em movimento de oposição à cinematografia:

Esse tipo de percepção ainda está muito presente quando se fala do uso do audiovisual na educação nos dias de hoje. Situada no campo moral, tal discussão envolve desde então múltiplos atores sociais. Cabe aqui citar o peso da Igreja Católica, que se engajou no debate durante todo o século XX, estabelecendo uma relação contraditória com o cinema, predominantemente em oposição à cinematografia (ALEGRIA, 2010, p. 237).

Nos anos 30 se institui, por meio do Decreto 21240/32 (BRASIL, 1932), um movimento de fomento ao Cinema a serviço da Educação. O decreto regulamenta a nacionalização da censura e estabelece que os filmes educativos compreenderiam não somente os que tivessem “por objeto intencional divulgar conhecimentos científicos, como aqueles cujo entrecho musical ou figurado se desenvolver em torno de motivos artísticos, tendentes a revelar ao público os grandes aspectos da natureza ou da cultura” (BRASIL, 1932). O avanço dessa política se dá com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), destinado a promover e orientar a utilização da cinematografia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de Educação popular em geral” (BRASIL, 1937).

Sob a luz de um processo de resgate da discussão acerca das relações entre Mídia e Educação (sobretudo na perspectiva da Educação Audiovisual), por meio de uma revisão de produções, documentos e estudos promovidos/publicados e disponibilizados pela Organização



das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em sua biblioteca digital³ (Quadro 1), observa-se a dinâmica da interseção entre o Audiovisual e a Educação, amalgamada aos cenários culturais, temporais e tecnológicos.

Quadro 1 - Relação mídia-educação, na perspectiva da Educação Audiovisual em publicações da UNESCO entre os anos de 1953 e 2020.

PUBLICAÇÃO	ANO	OBSERVAÇÕES
O CORREIO La television: oportunidad y problema educativo	1953	Periódico da UNESCO Discute sobre a questão audiovisual, abordando o potencial da televisão para impulsionar o ensino a distância
La educación cinematográfica – Peters (1961)	1961	Concepção instrumental do Cinema educativo. No entanto, destaca a magnitude da experiência artística sobre o sentido da transmissão de conteúdo. Apresenta o termo “Educação Cinematográfica”
Better Teachers Unesco (1970)	1970	Discussão sobre formação de professores na Educação Básica. Abordagem sobre treinamento para produção local de material audiovisual e foco no interesse dos alunos
El mundo en devenir Unesco (1976)	1976	Marca os 30 anos da UNESCO, apresentando contribuições para uma nova ordem mundial. Aborda as possibilidades do audiovisual na formação de professores e aponta a importância do fomento à produção local
Experiments and innovations in education. Unesco (1973-1980)	1973-1980	Apresentam relatos de experiências inovadoras Alguns relatos tratam sobre aporte de materiais audiovisuais e organização de ações envolvendo audiovisual, ainda como ferramenta/apoio.
Materiales educativos y pos alfabetización Vega (1982).	1982	A publicação se refere aos registros de Seminário que discutiu sobre a produção de materiais aplicados em experiências de pós-alfabetização. Entre eles, estratégias e metodologias associados à Educação Audiovisual.
The site experience Unesco (1983)	1983	Relata acerca do projeto envolvendo um sistema de audiovisual instrucional dentro e fora da escola, sobretudo da televisão, visando demonstrar o valor potencial das tecnologias de comunicação para o desenvolvimento.
How to make Scientific Audio-visuals Tosi (1984)	1984	A publicação aponta para a importância no processo de ensinar e aprender por meio das novas mídias, para além do impresso/falado bem como corrobora com a ideia de produção audiovisual a serviço da pesquisa e do ensino.
La Unesco y la Educación en el mundo Unesco (1985)	1985	Trata sobre convergência e produção de conteúdo e os apontam como elementos sugestivos de avanços importantes no campo da Educação, sobretudo da convergência entre tecnologia, audiovisual e comunicação
A Criança e a Mídia Carlsson e Von Feilitzen (2002)	2002	No relato “VÍDEO E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL” - HORST NIESYTO utiliza o termo “Videocultura” e apresenta um projeto de pesquisa em andamento na época – para estudar as possibilidades do audiovisual, principalmente a produção como ferramenta intercultural.

³ A biblioteca digital da UNESCO, disponível no link <https://unesdoc.unesco.org> fornece acesso a publicações, documentos e outros materiais produzidos pela UNESCO ou pertencentes às suas áreas de atuação.



Aspectos Éticos da Sociedade da Informação: a marca da UNESCO no debate global Werthein (2003)	2003	As discussões avançam sobre o entendimento da potencialidade da Educação atravessada pelo audiovisual para além da perspectiva da ilustração na aprendizagem de algum conteúdo formal e propondo experiências artísticas e comunicativas de contemplação, imersão e criação. A produção de GRIZZLE, A., <i>et al</i> (2016) apresenta o termo “Alfabetização Cinematográfica”
O futuro da Aprendizagem móvel UNESCO (2014)	2014	
Alfabetização Midiática e Informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias GRIZZLE, A., <i>et al</i> (2016)	2016	

Fonte: elaborado pelas autoras, 2022

O conteúdo das publicações analisadas e apresentadas no quadro mostra-se inicialmente genérico, apontando para o uso do audiovisual enquanto ferramenta pedagógica, de apoio, ressaltando sua eminente capacidade de alcance, sobretudo em propostas de atualização e formação de profissionais e educadores. Mais adiante, discutem-se outras concepções como a produção de material audiovisual para a escola para, então, despontarem elementos relacionados às possibilidades para além de uma perspectiva instrucional.

Para a UNESCO (2003), a internet inaugurou um panorama de relação com a informação, com o termo Sociedade da Informação, abarcando o acesso aos conteúdos por meio das redes e dos dispositivos digitais e compondo o cenário de Cultura Digital, que se deu a partir da convergência das mídias, da interação e colaboração entre os indivíduos, ensinando e aprendendo uns com os outros, em diferentes contextos e áreas.

Voltada a este cenário, em 2014 a UNESCO organizou uma série de documentos sobre aprendizagem móvel, com a finalidade de “melhorar a compreensão de como as tecnologias móveis podem ser utilizadas para melhorar o acesso, a equidade e a qualidade da Educação no mundo inteiro” (UNESCO, 2014, p.9), sustentando que a Educação também pode desencadear inovações tecnológicas e que é preciso assegurar uma via dupla, onde a pedagogia e a tecnologia se impulsionem mutuamente (UNESCO, p.14).

Sob esse prisma, Grizzle *et al.* (2016), também propõem a Alfabetização Midiática Informacional (AMI), fundamentada em uma tríade que visa ampliar o acesso, intensificar a liberdade de expressão e melhorar a qualidade da Educação (GRIZZLE *et al.*, 2016, p.5). O conceito composto abrange a alfabetização midiática e informacional e inclui várias competências relacionadas ao panorama de Cultura Digital, mas não limitado às TIC e sim a todas as formas de mídia e disponibilização da informação/conhecimento. A AMI propõe seu marco teórico baseado em sociedades do conhecimento, apontando abordagens diversas e inter-relacionadas: abordagem de convergência, baseada em Direitos Humanos, empoderamento (ao invés de protecionismo), em diversidade cultural e linguística, baseada em gênero e desenvolvimento. Também estabelece sua essencialidade e indica elementos para o desenvolvimento de políticas para sua implementação e continuidade por meio do aproveitamento das oportunidades oferecidas pelas mídias e toda a sorte de provedores de informação, digitais ou não.



O documento aponta o termo “Alfabetização Cinematográfica” (GRIZZLE *et al.*, 2016, p.5), vinculado à AMI e, entre as estratégias apresentadas para implementação de ações e políticas para seu desenvolvimento, constam iniciativas em contraturno, programas comunitários e oportunidades conectadas a programas de Educação formal que abordem a linguagem cinematográfica (GRIZZLE *et al.*, 2016, p.29).

Do encontro entre Cinema e Educação, para além da contemplação ou observação de obras cinematográficas, a produção na escola se constitui de relevante interesse acadêmico. Migliorin (2010) destaca que o Cinema promove na escola espaços de invenção coletiva e de compartilhamento e propaga as potências do sensível. Para Fantin (2007), o Cinema no contexto da mídia-educação é abrangente em suas possibilidades:

O cinema, no contexto da mídia-educação, pode ser entendido a partir de diversas dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas – inter-relacionadas com o caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático educar sobre o cinema. Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos. Considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação e de fruição. No entanto, considerar o cinema como um meio não significa reduzir seu potencial de objeto sociocultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação social. A experiência estética possui um importante papel na construção de significados que a obra propicia e os diferentes modos de assistir aos filmes fazem com que estes atuem diferentemente conforme o contexto. (FANTIN, 2007, p. 01)

Autores do campo de Cinema e Educação que repensam essa interface propõem mais uma perspectiva, a da criação. O termo “Pedagogia da criação” proposto por Bergala (2008) anuncia uma concepção que refuta relações lineares lógicas e instrucionais e pressupõe que o advento do encontro com o Cinema na escola é o encontro com a arte.

3 Do Cinema Educativo à Pedagogia da criação: o Cinema é arte

Nos estudos envolvendo Cinema e Educação, desponta o questionamento sobre o entendimento dessa relação que se estabelece, usualmente compreendendo a linguagem em um cenário de conhecimento e produção de sentidos, partindo das experiências de Cinema costumeiramente promovidas pela escola. A concepção de linguagem alicerçada em elementos simbólicos a serem interpretados e tomados como indiscutíveis, não cede espaço a transformações nas ações envolvendo o Cinema na escola. No entanto, tomando a escola para além de um espaço institucional relevante na constituição da experiência comunicativa do estudante – com os elementos tradicionalmente envolvidos nesse processo – mas como espaço de enunciação ético-estética, manifestação e alteridade no gesto de criação, no qual o currículo é percebido e concebido considerando essa perspectiva, transcende-se essa concepção, agregando questões de experiência de significação não somente analítica, mas estética e criadora. Isso demanda novas condutas de percepção da linguagem e impulsos às novas iniciativas pedagógicas e de leituras de mundo.

Conselheiro no Ministério da Educação da França, Alain Bergala atuou na gestão de Jack Lang de 2000 a 2005, instituindo uma proposta de Cinema na Educação. O autor concebe



o Cinema enquanto arte, que a aproximação com a arte cinematográfica seja essencial e esteja enlaçada ao exercício da criação. Para o autor, a pedagogia demanda a própria criação e defende que é possível sensibilizar por meio da conexão com o universo cinematográfico. Para isso, propõe uma ruptura com as condutas pedagógicas usuais, e apresenta alguns aspectos aos leitores, sendo um deles o propósito de superação da ideia do Cinema como um recurso, e sim como um processo de transformação se estabelece na experiência do encontro e do fazer por meio da arte:

A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem. A arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição. Ela não pode ser concebida pelo aluno sem a experiência do “fazer” e sem contato com o artista, o profissional, entendido como corpo “estranho” à escola, como elemento felizmente perturbador de seu sistema de valores, de comportamentos e de suas normas relacionais (BERGALA, 2008, p.30).

Outro aspecto que Bergala estabelece, compreende tanto assistir quanto produzir, relacionando fruição, análise fílmica e passagem ao ato (a realização fílmica): “pode haver uma pedagogia centrada na criação tanto quando se assiste, quando se os realiza.” (2009, p.34). O autor aponta que a tradição pedagógica é de uma abordagem linguageira do Cinema, de concebê-lo enquanto linguagem, o que está estreitamente relacionado à perspectiva também verificada no levantamento de leituras realizado por este estudo: o surgimento do Cinema em um momento hegemônico das ciências da linguagem estarem explorando a imagem enquanto recurso instrucional (BERGALA, 2008, p.38) e a tradição da escola enquanto espaço de desenvolvimento de um espírito crítico, em que uma produção necessita de uma “leitura” crítica e de resposta ideológica. Em oposição a isto, ele propõe uma abordagem sensível do Cinema como arte:

A grande arte no cinema é o oposto do cinema que exhibe uma mais valia artística. É a secura de Rossellini ou Bresson. É o rigor implacável e econômico de um Hitchcock e de um Lang. É a limpidez de Howard Hawks, a exatidão nua dos filmes de Kiarostami. É a vida que transborda de cada plano de Renoir ou Fellini. Ela se dá a cada vez que a emoção e o pensamento nascem de uma forma, de um ritmo, que não poderiam existir senão através do cinema (BERGALA, 2008, p. 47).

Mais do que isso, o autor argumenta em favor da distinção entre os termos Cinema e Audiovisual, sendo este último impreciso em relação a tudo que este conceito pode abarcar: slides, vídeos, televisão. O Cinema é a experiência do encontro, uma experiência estética, de perturbação, de formação de repertório e de desenvolvimento do gosto, o que na escola deve ser levado às últimas consequências (BERGALA, 2008, P.55), sendo demandada à escola uma abordagem coerente do Cinema como arte que vislumbre a diversidade de possibilidades:

A abordagem do cinema como arte, para ser inteiramente coerente, implica que o professor leve em conta outras qualidades que não aquelas que se exprimem habitualmente no sistema escolar. Há uma outra forma de inteligência, de iniciativa, de modos de expressão de si que podem se revelar na passagem à realização - que tem o mérito de ampliar o campo desses novos possíveis para cada aluno envolvido (BERGALA, 2008, p. 204).

Para além da introdução de elementos fílmicos como planos, iluminação e enquadramento, o autor preconiza o encontro como a força por meio da passagem ao ato, em uma articulação que insurge possível ao espectador-criador. Para Bergala (2008, p.128) “uma pedagogia da criação pode começar antes da passagem ao ato, desde a fase das primeiras aproximações com o filme” e o processo de análise fílmica ocorre como processo de imaginação sobre as escolhas possíveis para o cineasta em cada ponto da produção. “Esta poderia ser a

palavra de ordem de uma pedagogia da criação: recolocar essas telas de Cinema sob a luz duvidosa e incerta de sua origem, no ponto mais extremo do ato cinematográfico” (BERGALA, 2008, p.130).

Por fim, o autor apresenta o elemento da passagem ao ato enquanto possibilidade de criação fílmica na escola que se dá no resultado da potência do encontro com o objeto-arte e que é para Bergala (2008, p. 173) insubstituível na experiência artística, na experiência da criação, porque “não se aprende a esquiar assistindo a competições pela televisão, sem que se tenha sentido no corpo, nos músculos, as sensações do estado da neve, os relevos da descida, a velocidade, o medo e a alegria”, onde o elemento principal seja o processo e não o produto, “a experiência insubstituível de um ato, mesmo modesto, de criação” em que as produções possam ser “registros de experiências, etapas de um processo criativo”, porque é exatamente assim que ele deve ser percebido:

Mas, afinal, nenhum professor pede a uma criança de dez anos que desenhe como Ingress ou como um desenhista publicitário. O que se espera da prática gráfica dessa criança (e que mede o sentimento de sucesso diante do seu desenho) não é o que se espera de um estudante de Belas Artes. Nem no plano técnico, nem no plano artístico, nem mesmo no plano de seu “valor de exposição”. Por que seria diferente com o cinema? Por que uma criança ou um grupo de crianças dominaria perfeitamente o que sabemos ser resultado de um longo processo de maturação, não somente técnico mas de apreensão geral do mundo e de seus modos de representação? O professor, ou colaborador, deve aceitar a ideia de que é normal que pessoas jovens ou muito jovens desenhem com perspectivas e elipses que não são as de um filme profissional adulto ou de uma emissão de televisão, e que contar uma história com imagens e sons, cuidar de sua decupagem e encenação, ritmos e significações, implica uma extraordinária complexidade que, naturalmente, demanda anos de maturação (BERGALA, 2008, p.175).

Para Bergala (2008) o Cinema não precisa estar atrelado ao conteúdo curricular ou a qualquer outra proposta pedagógica estereotípica. Ele aponta para a relevância do processo do Cinema na escola considerando, além da aprendizagem ilustrativa formal e entretenimento, todo o espectro possível de encantamento, fruição, ampliação de repertório e vivência sensorial.

4 A Arte é a ciência do sensível: o aguçamento dos sentidos e a autoria na contemplação e na produção

Yuk Hui (2020) trata da questão da arte enquanto ciência do sensível e a possibilidade de sensibilização e construção do olhar para questões ético-estéticas:

Devemos reconhecer que, antes de qualquer outra coisa, a arte é a ciência do sensível. Uma investigação sobre a variedade de experiências na arte deve significar um regresso à questão da estética a partir da análise de sua estrutura e de sua operação – ou seja, de sua lógica (HUI, 2020, p.155).

Hui (2020, p. 155) enfatiza a “capacidade da arte de aguçar os sentidos e de educar a sensibilidade”. O prognóstico da escola enquanto espaço formal de construção social considera que nela se possa sensibilizar e instigar o olhar.

O encontro com a arte é a novidade que traz o desassossego de algo ainda não sentido ou desconhecido. Para além de capturar alguma mensagem, entender uma linguagem ou um



contexto, o encontro com o que é novo demanda significar o que ainda não foi estabelecido, aprendido, construído, experimentado. Sendo a premissa da obra o espectador, Bergala (2008, p. 65) apresenta o conceito de espectador-criador, mas aponta que a escola tende sempre à análise da mensagem e do conteúdo, desconsiderando o tempo para que a arte possa reverberar e revelar-se segundo a sensibilidade de cada um:

Estou cada vez mais convencido de que não existe, de um lado, uma pedagogia do espectador que seria forçosamente limitada, por natureza, à leitura, à decifragem, à formação do espírito crítico e, de outro, uma pedagogia da passagem ao ato. Por haver uma pedagogia centrada na criação, tanto quando se assiste filmes como quando se os realiza. Evidentemente, é essa pedagogia generalizada da criação que seria preciso conseguir implementar numa educação para o cinema como arte (Bergala, 2008, p. 34).

Outros autores corroboram com esta questão. Canevacci (2009) discorre sobre a construção olhar no encontro do espectador com a obra para uma performance não passiva, mas constitutiva da obra de forma singular:

Isso significa que o público, que era somente espectador, vem agora a ser espectador, isto é, uma mistura daquele que participa, mas que é também ator. Espectador significa a co-participação que desenvolve por meio de atitude performática no público, um espectador performático. Isto é, que não é mais passivo, mas é parte constitutiva da obra (CANEVACCI, 2009, p.12).

O refinamento deste conceito, apresentado por Boll (2013, p.55), agrega à questão da performance, a enunciação do encontro de sentidos e na produção de estilo:

No encontro de sentidos com uma enunciação em determinado contexto ao mesmo tempo visual e verbal, a produção de sentidos para o “autor” e “espectador” pode ser dar, para cada um de modo diverso, na medida em que sentidos únicos emergem desse encontro enquanto acontecimento e se atualizam em cada posição enunciativa em sua singularidade, no âmbito de uma criatividade do cotidiano Intencionalidade estética como investimento expressivo do autor, leva-o a prestar atenção no modo de produzir um estilo (BOLL, 2013, p.55).

Na escola um filme não necessita apenas da experiência ilustrativa de conteúdo ou mensagem, mas da vivência do encontro com a criação (que mesmo ao espectador é possível, antes mesmo da ação/produção), da elaboração e concepção de elementos como os enquadramentos, composições imagéticas, planos, som e edição (tanto os que foram como os que poderiam ser utilizados na composição). Para isso, é importante o entendimento da arte enquanto ciência do sensível, e da compreensão da escola como espaço de educação do olhar sensível e aguçado ao objeto enquanto manifestação/expressão artística e não enquanto mensagem pedagógica. A potência criadora do espectador-criador/espectador está no encontro com a arte, onde cada um a percebe do seu lugar, sendo cada um autor (ao mesmo tempo constituindo sua autoria singular e compondo uma autoria coletiva). A experiência sensível também opera na produção de sentidos na perspectiva do mundo estético e na constituição da leitura de mundo, onde cada sujeito atua recriando para si e para o outro.

Reconhecer que a autoria também está presente no olhar e aguçar a experiência sensível potencializa nos indivíduos a formação de repertório para os demais processos de criação e o desenvolvimento da leitura de mundo na constituição dos elementos da produção, justamente na relação dos estudantes com todo o arcabouço que potencializa a criação como cinema,

fotografia e todas as demais possibilidades de criação/enunciação/composição. Para Boll (2013, p. 26), é urgente e necessária a produção midiática no espaço escolar e o encorajamento para que sejamos “singularidades que expressam”. Sendo assim, também existe a demanda relacionada para além da construção do olhar e do espectador/autor/criador, mas para o exercício da produção e da elaboração do produtor. O que Bergala (2008) apresenta como “passagem ao ato” e evidencia também como uma mobilizadora experiência de arrebatamento sensorial e emocional reinaugura o ato cinematográfico a cada oportunidade do encontro com uma câmera:

O cinema é sempre jovem quando, ao gesto que o fundou, às suas origens, inventa um novo começo. Quando alguém segura uma câmera e se confronta ao real por um minuto, num quadro fixo, com total atenção a tudo que vai advir, prendendo a respiração diante daquilo que há de sagrado e de irremediável no fato de que uma câmera captar a fragilidade de um instante, com o sentimento grave, que esse minuto é único e jamais se repetirá no curso do tempo, o cinema renasce como no primeiro dia em que uma câmera operou. Quando nos situamos no que há de originário no ato cinematográfico, somos sempre o primeiro cineasta, de Louis Lumière a um jovem nos dias de hoje. Rodar um plano é colocar-se no coração do ato cinematográfico, descobrir que toda a potência do cinema está no ato bruto de captar um minuto do mundo; é compreender sobretudo que o mundo sempre nos surpreendente, jamais corresponde completamente ao que esperamos ou prevemos, que ele tem frequentemente mais imaginação do que aquele que filma, e que o cinema é sempre mais forte que os cineastas. Quando acompanhado por um adulto que respeita a emoção da criança, o ato aparentemente minúsculo de rodar um plano envolve não só a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumière mas também a sacralidade que uma criança empresta a uma “primeira vez” levada a sério, tomada como uma experiência inaugural decisiva (BERGALA, 2008, p.210).

O Cinema permite variados mecanismos e decursos criativos e se faz relevante à Educação que, por sua vez, também é pertinente ao Cinema ao se abrir a propostas e processos de aguçamento dos sentidos, concebendo a arte enquanto ciência do sensível.

5 Considerações Finais: Potências na interseção entre Cinema e Educação em cenário de Cultura Digital

O cenário da Cultura Digital é potente e acomoda múltiplas linguagens, descortinando possibilidades nos processos educativos para além da tecnologia, enquanto suporte a oportunizar criação, um quadro que requisita espaços para o desenvolvimento de indivíduos espectadores, autores, atores, produtores e comunicadores sensíveis, atuantes e éticos e legitimando a discussão sobre o uso de recursos tecnológicos dialógicos e as oportunidades de expressão na dinamização do processo de construção do conhecimento no contexto escolar, social e cultural.

Os processos contemporâneos de aprendizagem, múltiplas perspectivas de expressão e linguagem, são possíveis a partir da renovação das mídias e recursos com potencial para atuar no processo de aprendizagem, o que demanda práticas pedagógicas que possibilitem estas diferentes abordagens.

Considerando a interseção entre Cinema e Educação como um encontro de oportunidades para a transformação pedagógica, mobilizadoras de aprendizagens e de experiências promovidas pela escola para além da contemplação ou observação de obras cinematográficas, a produção nos espaços da escola promove experiências coletivas,



conhecimentos compartilhados e situações que possibilitam expressão e diálogo, o que é de considerável interesse acadêmico.

Ao perceber a potência do Cinema produzido por estudantes e professores, escola e academia podem ampliar a percepção acerca de seus processos para outras esferas, entusiastas na construção de políticas de fomento ao Cinema Estudantil.

Buscando compreender os elementos que se apresentam em relação ao diálogo entre Cinema e Educação e, principalmente, a convergência destes e suas possibilidades no atendimento às demandas de aprendizagem em contexto de Cultura Digital, o estudo dedicou-se à apreciação de diversos autores e estudiosos da temática, delineando um arcabouço teórico que aponta a pertinência de um olhar sobre as relações estabelecidas nesta perspectiva. O referencial estudado também indica a necessidade de consolidar a discussão de conceitos que estejam relacionados a este panorama e considerar que o processo narrativo na escola pode estender-se para além do texto convencional, sobretudo que acomode a produção e a criação em múltiplos formatos e enunciados estéticos.

Muito além de um possível conteúdo curricular exposto em uma produção cinematográfica escolar, outros elementos se apresentam. São questões que abrangem o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, ampliação de repertório, de tempos e espaços pedagógicos, a enunciação ético-estética, a produção de sentidos e estilos discursivos e a multiplicidade de fundamentos que envolvem tanto assistir como produzir um filme.

Ainda é vasto e passível de exploração o campo acerca dos mecanismos possíveis de abordagem do Cinema na escola, extrapolando o conceito de ferramenta de apoio para um universo de construções possíveis e, também, de espaços de visibilidade destas construções. Espaços como Congressos, Mostras e Festivais de Cinema Estudantil que recebam estudantes e/ou produções estudantis da Educação Básica são espaços que merecem atenção acadêmica.

Este estudo espera ter contribuído acerca da interlocução entre Cinema e Educação, pontuando algumas questões de pertinência acadêmica sem a pretensão de encerrar a discussão, mas de colaborar para sua expansão. Elementos do universo das produções cinematográficas escolares, bem como as enunciações, estilos, intencionalidades e nuances discursivas que se estabelecem, suscitam ampla exploração, impulsionando a produção acadêmica acerca da temática e disseminando sua relevância.

Referências

ALEGRIA, João. Ensaio sobre a gênese da cinematografia educativa no Brasil. Prospecção do componente histórico nacional nas práticas que envolvem Comunicação e Educação. *In*: Juliana Leonel; Ricardo Fabrino Mendonça. (org.). **Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos**. 1ed. Belo Horizonte: 2010, p. 233-250.

BERGALA, Alain. **A Hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead-Lise-Fe/Ufrj, 2008. 210 p. Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta.

BOLL, Cíntia Inês. **A enunciação estética juvenil em vídeos escolares no Youtube**. 2013. 117 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70596>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Decreto nº 21240, de 04 de abril de 1932. Nacionalizar o serviço de censura dos filmes cinematográficos, cria a "Taxa Cinematográfica para a educação popular e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 15 abr.1932. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21240-4-abril-1932-515832-publicacaooriginal-81522-pe.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da educação e Saúde Pública. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 15 jan.1937. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos e metrópoles. **Signos do Consumo**. v.1. n.1. jan-jul 2009. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/42762>. Acesso em: 10 jan. 2022

CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia (org.). **A criança e a Mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez Editora e Unesco Brasil, 2002. 552 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127896?1=null&queryId=a3de1596-d633-4d10-a58e-d36fdd00ba0d>. Acesso em: 25 nov. 2021

EL CORREO. Paris: Unesco, v. 6, n. 3, mar. 1953. Disponível em:
unesdoc.unesco.org/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach_import_2f4292c6-f57a-463d-98bf-dbcbbba757c61?_=070196spao.pdf&to=16&from=1. Acesso em: 27 nov. 2021.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola. **Revista Intercom**. São Paulo, 2006. Disponível em
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0652-1.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FANTIN, Mônica. Mídia-Educação e cinema na escola. **Teias**. Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan./dez. 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/24008/16978>. Acesso em: 13 dez. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIZZLE, Alton; MOORE, Penny; DEZUANNI, Michael; ASTHANA, Sanjay; WILSON, Carolyn; BANDA, Fackson; ONUMAH, Chido **Alfabetização midiática e informacional**: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias. Brasília: Unesco, Cetic.Br, 2016. 199 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421>. Acesso em: 20 nov. 2021.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020. 224 p. Tradução de: Humberto Amaral.



LEITE, César Donizetti Pereira; CHRISTOFOLETTI, Rafael. Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. *In: FRESQUET, A (org.). Cinema e Educação: a Lei 13.006 - Reflexões, perspectivas e propostas.* Universo Produções. Belo Horizonte, 2015, 110 p. Disponível em: https://www.redekinho.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf. Acesso em: 05 nov. 2021

LEMO, Cristina Domingues; CAMPOS, Lucas; RAMOS, Luciana Domingues. Núcleo de Educação Audiovisual (NEA) - uma proposta de política pública de fomento à produção audiovisual na rede de educação municipal de São Leopoldo. *In: Seminário Internacional de Cultura Digital.* Anais eletrônicos do SENID. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2018. Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/senid/2018-relatos-de-experiencias/179272.pdf. Acesso em: 03 jan. 2021.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola, sob o risco da democracia. *Revista Contemporânea de Educação.* Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1604/1452>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Better teachers:** an experiment with in-service teacher training conducted by the unrw/unesco institute of education. Paris: Unesco, 1970. 212 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000003381?1=null&queryId=25d3d65d-c8c4-4208-a41e-a50d8360f1d6>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **El mundo en devenir:** reflexiones sobre el nuevo orden económico internacional. Paris: Unesco, 1976. 147 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000017701_spa?1=null&queryId=e8525b72-948d-4d06-9f20-8f1025073e32. Acesso em: 28 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Experiments and innovations in education.** Paris, 1973-1980. 43 V. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **The site experience.** Paris: Unesco, 1983. 60 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000057988?1=null&queryId=d87bcc06-6732-4625-8985-26232458acf8>. Acesso em: 28 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **La Unesco y la educación en el mundo.** Paris: Unesco, 1985. 89 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000065606_spa?1=null&queryId=3ec3a4eb-af2e-4115-9c9f-e8fb89b33727. Acesso em: 25 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Towards Knowledge Societies:** background paper from information society to knowledge societies. Paris, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000141843?3=null&queryId=ac66c206-54f3-48d3-927c-77c7f7501e86>. Acesso em: 12 nov. 2021.



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **O Futuro da Aprendizagem Móvel**: Implicações para planejadores e gestores de políticas. 2014. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000228074?1=null&queryId=32f38bcb-7820-4883-a936-47853d8ec8eb>. Acesso em: 11 nov. 2021.

PETERS, Jan Marie Lambert. **La educación cinematográfica**. Paris: Unesco, 1961. 126 p. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135350?1=null&queryId=7b4d1be7-8a33-4576-8282-4429e983a072>. Acesso em: 26 nov. 2021

RAMOS, Luciana Domingues; BOLL, Cíntia Inês. Educação em contexto de cultura digital: potências pedagógicas e possibilidades de visibilidade para o conhecimento científico escolar.

#**Tear**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 8, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3570>. Acesso em: 06 jan. 2021

SILVESTRINI, Paula Medeiros Prado; SILVA Maria de Lourdes Ramos. O fazer criativo como possibilidade de ruptura do “imobilismo reprodutor”: A linguagem do cinema. *In*: BARBOSA, Maria Carmem Silveira; SANTOS, Maria Angélica (org.). **Cinema e Educação**: dentro e fora da lei. Porto Alegre: UFRGS/Programa de Alfabetização Audiovisual, 2014. 342p. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140481>> Acesso em: Acesso em: 05 nov. 2021

TOSI, Virgílio. **How to Make Scientific Audio-visuals**: for research, teaching popularization. Paris: Unesco, 1984. 157 p. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000063377>. Acesso em: 28 nov. 2021.

VEGA, Raul Vargas. **Materiales Educativos y Post-Alfabetización**. Pátzcuaro: Unesco (Orealc), 1982. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000054480?1=null&queryId=b2c2dd02-82e1-4bb3-b8f1-5a7f75f7588c>. Acesso em: 11 nov. 2021.

WERTHEIN, Jorge. Aspectos Éticos da Sociedade da Informação: a marca da UNESCO no debate global. **Observatório da Sociedade da Informação**. Brasília, p. 1-6. 03 set. 2003.

Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/ue000248.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em maio de 2022.